

## Guerra pela eternidade: o retorno do Tradicionalismo e a ascensão da direita populista, de B.R. Teitelbaum<sup>1</sup>

Márcio Gimenes de Paula<sup>2</sup>

O livro de Teitelbaum, agora traduzido em português e no Brasil, certamente merece elogios por chegar num momento tão apropriado. O autor – etnomusicólogo de formação, envolve-se aqui numa espécie de empreitada jornalística, com o objetivo de investigar mais detidamente no que se constitui o Tradicionalismo. Para tanto, faz entrevistas e pesquisas junto aos principais nomes de tal movimento, a saber, Steve Bannon, Olavo de Carvalho e Aleksandr Dugin.

A obra divide-se em vinte e dois capítulos com farta narrativa investigativa. Contudo, mais do que meras entrevistas com estes autores, o intuito do pesquisador é perguntar-se, a partir dos dados que consegue colher nas entrevistas, em que consiste o Tradicionalismo, quais são os seus pontos principais e quais seriam os seus mentores intelectuais.

Desse modo, o trabalho alcança, logo de início, nomes importantes do movimento, como o francês René Guénon (1886-1951) e o italiano Giulio Cesare Andrea Evola, conhecido por Julius Evola (1898-1974). Ambos, se assim podemos dizer, são inspiradores do Tradicionalismo e da atual direita populista mundial.

Vale a pena atentar para a parábola do leste asiático que Teitelbaum escolhe para abrir o seu livro: “Um homem encontrou um tigre na floresta. Sem modo de escapar ou dominar o animal pela força, ele escolheu a terceira opção e pulou nas costas do tigre. O homem sabia que, se fosse cuidadoso e paciente, ele poderia montá-lo até que o tigre ficasse velho e fraco. Daí ele agarraria o seu pescoço e começaria a apertá-lo”.

A parábola é cheia de significado. O Tradicionalismo parece ser exatamente este homem que, pacientemente, espera o desgaste e a derrocada de várias instituições para, então, dar o golpe final. Alguns pontos devem ser obrigatoriamente elencados quando falamos de Tradicionalismo. O primeiro deles é perceber que por Tradicionalismo podemos tomar algo que ocorre em oposição aquilo que é moderno e, portanto, posterior a movimentos como os da Revolução francesa e também a alguns aspectos do século XIX como, por exemplo, as ideias de progresso, racionalidade na história, imanência. Assim, logo no primeiro capítulo, quando fala dos chamados pilares da tradição, alerta-nos o autor: “Os Tradicionalistas aspiram a ser tudo o que a modernidade não é – comungar com o que eles acreditam serem verdades e estilos de vida transcendentais e atemporais, em vez de buscar o ‘progresso’”<sup>3</sup>. Aqui, entra, talvez, o “eterno” presente no próprio título do livro, isto é, o Tradicionalismo comporta uma espécie de guerra pela eternidade, tal como nos sugere o autor da obra. Assim,

---

<sup>1</sup> Resenha de: TEITELBAUM, *Guerra pela eternidade: o retorno do Tradicionalismo e a ascensão da direita populista*. Tradução de Cynthia Costa. Campinas: Editora Unicamp, 2020.

<sup>2</sup> Professor Associado do Departamento de Filosofia da Universidade de Brasília.

<sup>3</sup> TEITELBAUM, *Guerra pela eternidade: o retorno do Tradicionalismo e a ascensão da direita populista*, p. 20.

os valores secularizados posteriores ao século XVIII e o grande bloco daquilo que se convencionou tomar por modernidade é aqui peremptoriamente rejeitado. Há, aqui, uma guerra cultural.

Em outras palavras, “a guerra pela eternidade” é a busca de uma espécie de fundamento que, a rigor, ultrapassa a esfera da política, pois se localiza exatamente na transcendência. Assim, o Tradicionalismo, ao acentuar a ênfase na eternidade, desloca-se propriamente do horizonte político tal como o conhecemos desde as primeiras definições, mas faz mais do que isso: altera o estatuto da própria discussão e nela introduz elementos que não eram de sua herança, ou seja, a política passa agora a ser discutida em novas bases.

Contudo, aqui, deve-se ter cuidado com um aspecto do Tradicionalismo que, talvez, induza a algum engano: ele nem sempre é cristão, seus mentores tiveram relações com o pensamento islâmico, como é o caso de René Guénon e até mesmo com o pensamento hindu. Aliás, são inúmeras as referências destes autores a aspectos esotéricos destas religiões. O próprio Olavo de Carvalho, mentor intelectual da direita brasileira, atesta nas entrevistas a Teitelbaum, a influência exercida por Guénon sobre a sua interpretação e o quanto as obras desse pensador representaram uma guinada em seu próprio pensamento. Em outras palavras, o Tradicionalismo tem forte relação com as chamadas religiões indo-europeias, assim, lembra-nos nosso autor: “... a coincidência inter-religiosa é mais aparente entre as chamadas religiões indo-europeias, sobretudo hinduísmo, zoroastrismo e religiões europeias pagãs pré-cristãs”<sup>4</sup>. Por isso, embora o Tradicionalismo tenha tido estreita relação com o fascismo do pensador Julius Evola, por exemplo, nem sempre ele se apresenta como fascista ou capitalista, especialmente se o capitalismo estiver postado ao lado do liberalismo que, em geral, seria muito mais herdeiro do ideal das Luzes e da racionalidade moderna do que a proposta Tradicionalista. Assim, o primeiro problema aqui parece ser o de esclarecer os conceitos.

Uma menção feita por Dugin, de um certo militante chamado Gábor Vona, é paradigmática. Ao ser convidado para dar palestras na Turquia e na Rússia, ele teria dito: “O islã é a última esperança da humanidade do globalismo e do liberalismo”<sup>5</sup>. Tal citação parece paradigmática pois, se é verdade que muitos partidos da extrema direita na Europa repelem o islamismo, parece igualmente verdadeiro que a proposta do Tradicionalismo o inclui se ele se postar ao seu lado no combate ao globalismo e ao liberalismo que, aos seus olhos, são duas degenerações do espírito moderno. Cristianismo e judaísmo teriam, no decorrer da história, sofrido uma forte secularização, fato que talvez não se note no islamismo, ao menos neste por ele descrito. Notemos, entretanto, o quanto os dois conceitos – globalismo e liberalismo- são amplos e, por vezes, difíceis de serem plenamente compreendidos, salvo quando se faz um reducionismo, mas isso é propriamente não os compreender.

É certo que qualquer abordagem sobre a nova direita mundial passa, inevitavelmente, pela discussão acerca das eleições de Donald Trump nos Estados Unidos, em 2016, e Jair Bolsonaro no Brasil, em 2018. Além disso, não faltam referências a outros importantes polos da direita mundial como Polônia, Rússia, Hungria. De igual modo, há abundantes referências ao problema das novas mídias sociais e sua influência enquanto atores políticos. Contudo, não é apenas tal observação, digamos mais de cunho sociológico, que interessa a Teitelbaum,

---

<sup>4</sup> TEITELBAUM, *Guerra pela eternidade: o retorno do Tradicionalismo e a ascensão da direita populista*, p. 21.

<sup>5</sup> TEITELBAUM, *Guerra pela eternidade: o retorno do Tradicionalismo e a ascensão da direita populista*, p. 60.

ainda que ela apareça em seu trabalho e seja importante. O seu ponto reside em compreender como a atual direita formou o seu pensamento a partir de ícones do Tradicionalismo como Guénon e Evola. Assim, não é fortuito que um dado orientalismo do autor francês reapareça em alguns desses autores (como Olavo de Carvalho, por exemplo) e também que as teses de Evola, em *Revolta contra o mundo moderno*, adquiriam novos formatos e novas linguagens.

Não parece despropositado a condenação que Dugin faz da União Europeia quando afirma que “o ciclo da União Europeia acabou. O sol começa a se pôr”<sup>6</sup> e nem aquilo que Bannon, o ex-assessor todo-poderoso de Trump, denominou como “a metafísica do campesinato”, isto é, o pensamento do homem médio do interior dos Estados Unidos, responsável por levar Trump ao poder. Assim, o que interessa a Teitelbaum é perceber o conjunto de rejeições que Bannon usou para definir o que seria o Tradicionalismo: “a rejeição da modernidade, a rejeição do Iluminismo, a rejeição do materialismo”<sup>7</sup>. Mas há, além dessas importantes rejeições, um outro ponto central: “a compreensão de que ‘a cultura’ a verdadeira cultura, é baseada na imanência e na transcendência”<sup>8</sup>. Em outras palavras, o transcendente ocupa posição central em tal pensamento e altera até mesmo o estatuto da política. Novamente guerra cultural.

Por isso, é bastante natural que um dos aspectos de tal Tradicionalismo consista também em um discurso anticientífico, apesar de parecer preocupado com a ciência. A definição que Bannon fornece em uma das entrevistas parece não deixar dúvidas: “A imprensa não informa, os cientistas não fazem ciência, as universidades não ensinam mais – não passam de ‘uma merda de uma perda de tempo’”. Assim, de modo curioso, por trás de críticas que até poderiam ser legítimas tanto aos cientistas, como às universidades, bem como aquelas feitas aos militares e aos religiosos, o que parece se esconder é uma espécie de nostalgia de um mundo que não mais existe e não uma real procura pela autenticidade moral dos agentes envolvidos.

Como a leitura da modernidade feita por autores como Guénon e Evola é, no mínimo, apressada e suspeita, ainda que seja feita em muitas páginas, as conclusões dos seus seguidores parecem ter o mesmo ritmo. Por isso, o niilismo, por exemplo, um conceito com amplo debate no pensamento europeu, parece aqui reduzido a uma mera degradação do espírito humano: “A degradação gradual da espiritualidade e dos princípios imateriais resulta da modernização e da disseminação do caos e do niilismo”<sup>9</sup>. De igual sorte, Steve Bannon parece uma espécie de novo Lutero ao afirmar que “o que eu quero dizer é que todo mundo deveria ser um sacerdote”<sup>10</sup>. Entretanto, ele mesmo não parece haver compreendido que tal utopia protestante tomou, no decorrer da história, outro curso e, inclusive, foi muito bem percebida deste modo por autores como Hegel – e outros da sua tradição – que perceberam aqui o fulcro da secularização tão criticada pelos Tradicionalistas.

Em tal contexto, é um imenso desafio perceber como as disputas intelectuais do Tradicionalismo migram para os Estados Unidos. Com a eleição de Trump, em 2016, e a ideia de uma América grande e para os americanos, o problema parece se reatualizar agora em outro local. Assim, o Tradicionalismo não pode mais tocar – ao menos de maneira tão

---

<sup>6</sup> TEITELBAUM, *Guerra pela eternidade: o retorno do Tradicionalismo e a ascensão da direita populista*, p. 68.

<sup>7</sup> TEITELBAUM, *Guerra pela eternidade: o retorno do Tradicionalismo e a ascensão da direita populista*, p. 74.

<sup>8</sup> TEITELBAUM, *Guerra pela eternidade: o retorno do Tradicionalismo e a ascensão da direita populista*.

<sup>9</sup> TEITELBAUM, *Guerra pela eternidade: o retorno do Tradicionalismo e a ascensão da direita populista*, p.76

<sup>10</sup> TEITELBAUM, *Guerra pela eternidade: o retorno do Tradicionalismo e a ascensão da direita populista*.

explícita – em temas como o racismo e novamente a parábola usada por Evola do tigre acaba por ser usada pelo principal mandatário do mundo, mas agora na esfera prática. Talvez o exemplo mais forte nesse sentido tenha sido, em 06 de janeiro de 2021, a invasão do Capitólio, momento onde todas essas forças parecem ter se juntado para resistir e contestar a disputa eleitoral perdida.

O antiglobalismo do Tradicionalismo mira, no atual contexto político, especialmente na China enquanto uma potência mundial no tabuleiro geopolítico. Nesse contexto é que Teitelbaum observa a importância dos evangélicos, por exemplo, na composição do governo Trump e na produção de um discurso maniqueísta entre a tradição americana e o país oriental. Curiosamente, há atores do Tradicionalismo envolvidos com religiões orientais e com a Índia, por exemplo, mas, nesse momento, há um afastamento estratégico ou maior ênfase no problema com a China.

Teitelbaum chega mesmo a citar uma frase jocosa que teria sido dita por Bannon: “Lênin queria destruir o Estado, e esse é também o meu objetivo, eu quero derrubar e destruir todas as instituições de hoje”<sup>11</sup>. No chiste talvez haja algo interessante para se refletir. O suposto “leninismo” de Bannon mostra uma diferença entre o pensador conservador e o Tradicionalista. O primeiro parece tentar a manutenção de algo, o segundo, ao levar a máxima potência a sua nostalgia por um tempo não mais existente, recusa-se, em última instância, em fazer parte de certas instituições e vive com elas em guerra e tensão permanente. A ideia de fundo parece ser a de que é preciso implodir as coisas para que algo novo – aos olhos do Tradicionalista – possa efetivamente nascer. O Tradicionalista parece sempre fazer com que a história comece com ele mesmo, o que parece estranho para alguém que leva a tradição no próprio nome mas, ao mesmo tempo, nos fornece uma pista no sentido de entender por quais motivos tantos pregadores do fundamentalismo religioso se aproximam de tal corrente. Também eles acreditam que a história parece começar com eles ou que somente eles podem resolver milagrosamente o que a própria tradição não teria sido capaz de responder.

A eleição de Jair Bolsonaro no Brasil, em 2018, pode ser plenamente percebida dentro de tal contexto. Tal vitória traz à baila uma figura que talvez, embora gozasse de projeção entre os tradicionalistas, ainda não tinha reconhecimento em esfera mais ampla: o escritor Olavo de Carvalho que, como bem salienta Teitelbaum, nutriu intelectualmente as pessoas de tal corrente e mostrou-se uma espécie de conselheiro do novo governo que se iniciaria.

Uma coisa chama atenção nas entrevistas que Teitelbaum realiza com Olavo de Carvalho. Aos olhos do escritor, Bolsonaro encarna a busca por uma base espiritual cristã: “Ele entende que a sociedade precisa de uma base espiritual.... que as pessoas reais desse país são cristãs”<sup>12</sup>. A frase de Carvalho traz consigo a aspiração de muitas pessoas religiosas que julgam o Estado brasileiro não apenas secular, mas agindo em favor de grupos identitários, de direitos feministas, direitos gays e etc. Assim, o que Bolsonaro parece encarnar para tais pessoas é a recuperação dos valores tradicionais em meio à modernidade que seu espectro político rejeita cabalmente. Mais uma vez, o ambiente é de guerra cultural.

---

<sup>11</sup> TEITELBAUM, *Guerra pela eternidade: o retorno do Tradicionalismo e a ascensão da direita populista*, p. 103.

<sup>12</sup> TEITELBAUM, *Guerra pela eternidade: o retorno do Tradicionalismo e a ascensão da direita populista*, p. 119.

Tal como Dugin e Bannon, Olavo de Carvalho é um dos grandes expoentes do Tradicionalismo, tendo sido formado nas leituras de Guénon, personagem que traz consigo suas influências de filosofia oriental e ao mesmo tempo uma relação pessoal de conversão ao islamismo, o que também teria ocorrido com o escritor brasileiro, igualmente interessado em esoterismo e astrologia. Sua leitura – e crítica - da modernidade é guiada por tal autor e (talvez em grau menor) por Evola. Um dos mais famosos discípulos do seu curso de Filosofia online é o embaixador Ernesto Araújo que, com seu total apoio, torna-se ministro das Relações Exteriores do governo Bolsonaro, compondo a chamada linha ideológica do governo. Assim, o Brasil passa a ter um ministro com o mesmo perfil de Carvalho: um antiglobalista, o que molda a política externa do atual governo brasileiro. Entretanto, como bem percebe Teitelbaum, o governo Bolsonaro também acaba por ser formado por evangélicos, militares e o traço liberal e dos mercados financeiros é dado por Paulo Guedes, um economista formado em Chicago e defensor radical do Estado mínimo e das privatizações. Como conseguiram conviver tais atores dentro de um governo é ainda uma questão em aberto e sem solução. Bolsonaro elege-se por um partido denominado “social-liberal”, mas, como vemos pelo próprio histórico do Tradicionalismo, tal concepção não possui, por essência, qualquer afinidade com o liberalismo que, a rigor, só pode existir numa sociedade secularizada e que comunga com os ideais modernos.

O elo que parece unir o Brasil de Bolsonaro aos Estados Unidos de Trump é a crítica à liderança geopolítica da China e a total busca pelos valores espirituais formadores do Ocidente judaico-cristão. Por isso, nesse mesmo sentido, os primeiros meses do novo governo brasileiro é também marcado por uma aproximação com o Estado de Israel. Contudo, deve-se salientar as diferenças e discordâncias existentes entre os próprios expoentes do Tradicionalismo atual. Dugin, por exemplo, possui sérias discordâncias em relação a Olavo e discorda de algumas de suas teses, como bem pontua Teitelbaum: “Achei que encontraria em [Olavo] um representante dos filósofos Tradicionalistas brasileiros na linha de R. Guénon e J. Evola. Mas ele acabou se revelando algo diferente e muito esquisito”<sup>13</sup>. Dugin não consegue entender e aceitar a aproximação que Olavo de Carvalho faz entre os financistas internacionais numa espécie de pacto com os socialistas orientais. Isso não lhe parece razoável.

Para os Tradicionalistas, o universalismo do cristianismo deve ser compreendido dentro da esfera da religião. Sua versão secularizada – incluindo aqui até mesmo o marxismo – também se serve do universalismo e os mercados atuais e o mundo globalizado carregam no seu cerne a ideia de universalismo. Por isso, os Tradicionalistas parecem incisivos em apontar tal diferença: “Na religião, os universalismos levam ao evangelismo. Na geopolítica, levam ao intervencionismo e ao imperialismo”<sup>14</sup>). Tal pista merecia ser analisada com maior rigor investigativo. O modo como os Tradicionalistas a apresentam parece mesmo simplório e não problematiza. Autores como Karl Löwith, Leo Strauss, Hans Blumentberg, Giacomo Marramao poderiam ajudar a pensar a questão em chave mais ampliada o que, dado os pressupostos dos Tradicionalistas, parece impossível de ser efetivado.

Do mesmo que parece ter ocorrido uma “metafísica do campesinato” norte-americano que elegeu Trump, Jair Bolsonaro foi eleito no Brasil por um país profundamente

---

<sup>13</sup> TEITELBAUM, *Guerra pela eternidade: o retorno do Tradicionalismo e a ascensão da direita populista*, p. 165.

<sup>14</sup> TEITELBAUM, *Guerra pela eternidade: o retorno do Tradicionalismo e a ascensão da direita populista*, 204.

cristão e que se sentia amedrontado diante da modernidade e do avanço de grupos que antes pouco podiam se expressar na sociedade civil. Por isso, seu governo hoje, especialmente com a queda de Trump, acaba por ser uma espécie de polo da direita mundial, juntamente com outras referências como a Hungria, a Polônia e etc. Como vimos, Olavo de Carvalho constrói sua leitura sobre a modernidade a partir de autores que não parece que a compreenderam no seu todo ampliado, o que prejudica enormemente a sua compreensão na medida em que a eles se filia. Entretanto, curiosamente, sua leitura sobre o povo brasileiro parece ter em si um componente instigante na medida em que ele o compreende como realista: “O povo do Brasil – o povo pobre, o povo simples... Eles entendem as coisas muito melhor do que os intelectuais. O povo brasileiro tem uma espécie de instinto de realidade”<sup>15</sup>. Contudo, sua crítica parece se encerrar aqui e flerta com o ideal de simplismo do povo brasileiro, o que soa populista. Contudo, ainda pior é o seu anticientificismo pois, no seu entender, as universidades brasileiras nada mais produzem do que escândalos: “Se eu te mostrasse fotos das universidades brasileiras, você só veria gente fazendo sexo. Eles vão para a universidade para fazer sexo...”<sup>16</sup>. Está feita a mistura explosiva: de um lado o cidadão comum, de bem, pagador de impostos, cristão. De outro, as universidades constituídas como antros de pessoas pervertidas. É notória aqui a visão maniqueísta e absolutamente injusta com os dados da realidade da pesquisa científica brasileira. Muito provavelmente, nem mesmo os cidadãos brasileiros mais simples concordariam com tal diagnóstico feito propositalmente sem uso de dados e apenas com artifícios retóricos.

Na entrevista que fornece a Teitelbaum, Olavo aponta ainda um dado instigante da desumanidade do mercantilismo chinês: “Eles pensam que as pessoas são coisas. Acreditam que você pode substituir uma pessoa por outra”<sup>17</sup>. Parece curioso que a mesma crítica, inclusive vista pelo prisma dos valores cristãos, poderia ser aplicada a diversos países do mundo juntamente com a China, mas isso não pode ser cogitado pelos pressupostos assumidos pelo autor.

Desse modo, cremos que o livro de Teitelbaum, juntamente com a boa reflexão do pensador brasileiro João Cézar de Castro Rocha (*Guerra cultural e retórica do ódio*, Editora Caminhos) e com a recente tradução de *Contra o mundo moderno* de Sedgwick (*Contra o mundo moderno: o tradicionalismo e a história intelectual secreta do século XX*, Ayine), é uma leitura obrigatória para aqueles que quiserem se aventurar pelos desafios de compreender o atual momento político e a complexa teia das relações entre imanência e transcendência dentro de um jogo ainda em pleno andamento.

Boa leitura!

---

<sup>15</sup> TEITELBAUM, *Guerra pela eternidade: o retorno do Tradicionalismo e a ascensão da direita populista*, p. 227.

<sup>16</sup> TEITELBAUM, *Guerra pela eternidade: o retorno do Tradicionalismo e a ascensão da direita populista*, pp. 227-228.

<sup>17</sup> TEITELBAUM, *Guerra pela eternidade: o retorno do Tradicionalismo e a ascensão da direita populista*, p. 230.